

## Audax, ciclismo de longa distância e solidariedade

Categories : [Outras Vias](#)

A primeira etapa do [calendário paulista do Audax de 2012](#) aconteceu neste final de semana em Boituva, no interior de São Paulo. Dos 127 ciclistas inscritos, 95 se dispuseram a tentar completar 200 km em menos de 13h30 e os demais 32, a cumprir o desafio de 120 km, um teste para provas mais longas no futuro. É difícil definir o que é o Audax. Não se trata exatamente de uma disputa, já que cada um enfrenta apenas o relógio e não os demais participantes. Quem consegue cumprir a meta se habilita a, nos meses seguintes, tentar os 300 km. Quem completa os 300 km, se credencia para os 400 km, e daí por diante os 600 km e, finalmente, os inacreditáveis 1.200 km. Cada etapa tem um [tempo máximo específico](#).

[Foto: Toni](#)

Mas o Audax está longe de se limitar a um teste de resistência à distância. O Audax tem muito a ver com solidariedade. Porque, quando você descobre entre pessoas que estão testando limites, disposição para parar e ajudar, todo resquício de competitividade, aquela vontade de chegar primeiro e “ganhar”, vai para o espaço. Os verdadeiros vencedores do Audax são os que ajudam o máximo de participantes possível a completar a prova, afinados com o [objetivo da organização](#) de “promover, incentivar e aplaudir os esforços daqueles ciclistas que desejam testar seus limites pessoais, combinando o prazer de passear com as demandas de ciclismo de longa distância”.

Descobri isso de cara no meu primeiro Audax, em meio às subidas e descidas infinitas de Boituva. Havia pedalado uns bons 80 km com apenas uma parada no primeiro posto de controle quando aconteceu. Veja bem, não me considero atleta, uso a bicicleta apenas como transporte em deslocamentos diários que, somados, não passam de 14 km, me sinto estranho com roupas coladas no corpo, detesto lycra e tenho uma bicicleta bem mediana com um bagageiro pesado atrás (do qual não me separo nem em provas como esta). Poxa, fazer 80 km em um bom tempo era um tremendo começo! O máximo que eu havia pedalado antes em um ritmo constante assim eram 100 km - em uma competição bem mais idiota, com gente disputando mesmo e olhando torto para mim e minha bicicleta, dois estranhos àquilo tudo.

Respirei fundo, olhei o relógio, e comecei a trocar a câmara de novo, apesar da sensação de que aquilo iria resultar no terceiro BUMMM seguido. Foi quando apareceram o Renê e outro camarada do qual não sei o nome. “Quer ajuda?” Disse que não precisava, mas, em todo caso, perguntei se eles não tinham um pneu reserva. “Câmara, você quer dizer, né?”. Não, era meu pneu que tinha rasgado mesmo. Rápido, habilidoso, o Renê tirou a roda da minha mão e trocou a câmara.

Encaixamos tudo e saímos para pedalar devagar. PLUC. A bolha apareceu de novo na lateral em segundos, e o Renê, sensato, me parou antes que eu estourasse a terceira e última câmara que tinha. Esvaziamos a pressão e... ficamos sem opção. Sem pneu a 20 km do segundo posto de controle, onde TALVEZ eu conseguisse ajuda, eu estava praticamente fora do Audax. Tive que empurrar os dois para frente para que eles não perdessem mais tempo comigo e avisei que caminharia o percurso para pegar uma carona e voltar para Boituva.

Não desisti. Comecei a fazer uns cálculos malucos na cabeça. Se eu corresse empurrando a bike, talvez chegasse em tempo ainda. Correndo a uns 10 km/h, eu chegaria lá em duas horas. Tentei, mas algumas centenas de metros depois, eu já estava a uns 8 km/h (o relógio da bike mede a velocidade) e com a língua quase arrastando no asfalto. Foi quando chegaram a Teresa e outro amigo que já havia passado aperto semelhante em uma viagem em Curitiba. Foi ele, cujo nome não consegui guardar nesta confusão toda, um dos que mais ajudou.

“Vocês têm pneu?”

Ele tinha, mas era um de aro 700, bem mais largo do que a minha roda. "Valeu, gente, podem seguir, não percam tempo comigo. Não vai dar". Os dois também resistiram, mas seguiram em frente. Eu fiquei sozinho, empurrando a bicicleta, olhando para baixo, não acreditando que meu primeiro Audax terminaria assim, em uma longa e quente caminhada de 20 km no asfalto. Comecei a olhar pedaços de pneus velhos de caminhões largados no acostamento e pensar... E se eu amarrasse um pedaço dentro do meu pneu? Será que explode também?

Foi quando esse cara voltou. A silhueta lá longe na estrada primeiro me confundiu. Ele vinha no sentido contrário! Ei! “Tive uma ideia. E se a gente tentasse encaixar o meu pneu ao redor do seu? De repente, dá para ele conter a câmara que está saindo, sei lá”. E ele me estendeu o pneu. Aceitei com a condição de que ele seguisse em frente e não perdesse mais tempo. Eu tentaria sozinho acertar a gambiarra. A gente já estava ficando atrasado demais. Tic, tic, tic, tic.

## **Improviso**

Foto: Toni

Contei com os amigos que já tinha, conheci amigos que até então eram só virtuais (né, Frizzo?) e fiz amigos novos. Fui ajudado e acho até que, mesmo todo atrapalhado e ainda aprendendo o que é o Audax, consegui ajudar algumas pessoas. No espírito do Audax!

Foto: Toni